

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO / EDUCASAÚDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

Uady Rocha Sessim

A PROFESSORALIDADE DO NÃO PROFESSOR:
Percebendo a professoralização através das reflexões pós-aula

Porto Alegre
2013

Uady Rocha Sessim

**A PROFESSORALIDADE DO NÃO PROFESSOR:
Percebendo a professoralização através das reflexões pós aula**

Trabalho de conclusão do curso de especialização em Formação Integrada Multiprofissional em Educação e Ensino da Saúde, do Programa de Pós – Graduação em Educação da Faculdade de Educação / Educasaúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Orientadora: Prof.Dda. Alana Martins Gonçalves

Porto Alegre

2013

À minha esposa que me acompanhou nessa caminhada transmitindo força e motivação, sempre ao meu lado nos momentos de angústia.

Aos meus pais e irmãos pelo incentivo e torcida, por compreenderem minha ausência em alguns momentos.

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

...a minha orientadora Alana pela paciência e compreensão, me conduzindo ao mundo da educação;

...a professora Rosa pela oportunidade e ensinamentos;

...aos meus colegas de curso José Rizzotto e Diovani pela parceria;

...especialmente aos alunos pela simplicidade em me ajudar nesta caminhada.

RESUMO

Esta pesquisa autobiográfica traz a narrativa da iniciação que tive como docente entre os anos de dois mil e doze e dois mil e treze. O trabalho tem como temática “A professoralidade do não professor”, a partir desta temática pretendi resgatar, através de registros realizados após as aulas, momentos em que a professoralidade aconteceu. Como iniciei as atividades docentes carente de qualificação específica, logo iniciaria o curso de especialização em educação, busquei alternativas para sobrepor às dificuldades encontradas. Através das observações registradas e a revisão bibliográfica acerca dos aspectos relevantes para a temática proposta, percebi que ensinando aprendemos e fixamos os conteúdos, evoluímos pessoal e profissionalmente com a prática docente e a troca com os alunos, internalizando todos os dias a professoralidade com a professoralização.

Palavras-chave: Pesquisa autobiográfica. Narrativa. Professoralidade. Registros. Prática docente. Professoralização.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO OBJETO DA NARRATIVA	9
3 ONDE TUDO COMEÇOU	10
4 EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZADO	11
5 EXPERIÊNCIAS DE ENSINO	21
6 EXPERIÊNCIA DE VIDA	27
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Início este trabalho com um breve histórico de minha caminhada profissional onde, por alguns anos, vivenciei o trabalho técnico profissionalizante, atuando de 1997 até 2010, como técnico em enfermagem em diferentes instituições de saúde. Após a conclusão do curso de técnico de enfermagem, trabalhei durante um ano no Hospital da Ulbra em Tramandai, após, ingressei para o Grupo Hospitalar Conceição (GHC), local onde fui colaborador por dez anos como técnico de enfermagem no Hospital Cristo Redentor.

No ano de 2010, encerrei a carreira de técnico iniciando a profissão de administrador no Hospital Nossa Senhora da Conceição, trabalhando no setor de compras e supervisão administrativa da emergência. Em maio de 2013, ingressei no IFRS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Osório, no qual prestei concurso para administrador em outro momento. Como no GHC não trabalhava diretamente com a escola, nessa instituição de educação, inicio meu trabalho mais próximo de vivenciar o desenvolvimento dos alunos na qualificação técnica profissionalizante, apesar de não ser docente desta instituição.

Optei em realizar pesquisa autobiográfica para resgatar da memória e registrar momentos da minha vida que não serão esquecidos, “O campo de estudos da memória autobiográfica focaliza o funcionamento do sistema de memória episódica em integração com processos cognitivos correlatos – consciência, linguagem, julgamento e emoção [...]” (Gauer, 2005, p. 38).

Esta pesquisa autobiográfica traz a narrativa da breve iniciação que tive como docente no ano de 2012, apesar de naquele momento não ter formação específica para tal, o que me proporcionou momentos marcantes, na Escola do Grupo Hospitalar Conceição no curso Técnico de Registros e Informações em Saúde (CTRIS). Neste sentido, este trabalho tem como temática “A professoralidade do não professor”. A partir desta temática pretendo resgatar, através de registros realizados

após as aulas, momentos em que a professoralidade aconteceu, pois segundo Vilella Pereira:

Não é uma identidade que um sujeito constrói ou assume ou incorpora mas, de outro modo é uma diferença que o sujeito produz em si. Vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo... é uma diferença produzida no sujeito. Marca produzida no sujeito. Escolha construída no sujeito [...] (Pereira, 1996, p. 35)

Seguindo as palavras do autor, busco momentos em minha prática em que identifico esta evolução acontecendo, além do estar professor, este sendo uma questão de ocasião e a professoralidade acontece continuamente, pois se trata de transformação interna. Conforme o autor citado anteriormente:

[...] a formação do professor resulta não apenas de um treinamento específico, numa instância acadêmica... a ideia de que a personalidade e a professoralidade do professor andam juntas, isto é, ser professor é uma alternativa, uma saída que o sujeito constrói a fim de realizar um projeto emergente em sua subjetividade, [...] (Pereira, 1996, p. 51)

Com a narrativa procurei refletir sobre meu aprendizado, como fui desenvolvendo a prática docente e como pratiquei conhecimentos adquiridos, com isto, resgatando aprendizagens que contribuíram para minha ação docente.

No início desta construção formal em se tornar professor, quero trazer paralelamente a contínua humildade necessária para a eterna busca da professoralidade. Além disso, busco transcender a questão histórica de que a docência nas escolas técnicas profissionalizantes seria alternativa a profissão de origem, aliada ao status de profissionais professores de Instituições Federais de Ensino, Fartes (2011).

Entendo por professoralidade a eterna internalização do ser professor, a busca continua do saber e ser. A trajetória infinita de duas paralelas ao encontro de um único ponto que as une, é o período desta busca a própria vivência da professoralidade. Com isto, penso que temos que estar atentos para perceber e vivenciar esta construção no dia a dia.

2 APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO OBJETO DA NARRATIVA

No ano de 2001 foi constituída a Gerência de Ensino e Pesquisa (GEP) do Grupo Hospitalar Conceição, definido pelos gestores para ser responsável pela gestão das áreas de ensino e pesquisa da instituição. No ano de 2004, os hospitais do grupo receberam a certificação como Hospitais de Ensino, conferida através da Portaria Interministerial nº 1.704, dos Ministérios da Educação e da Saúde, tornando-se o Centro de Educação Tecnológica e Pesquisa em Saúde (Escola GHC) no ano de 2009.

No site da instituição, consta que a unidade tem objetivo de ser pública, democrática e popular de educação técnica, profissionalizante, de graduação e pós-graduação em saúde.

Através de parcerias com outras instituições como Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Fundação Osvaldo Cruz e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, a escola GHC passou a ofertar cursos técnicos profissionalizantes e cursos de pós-graduação.

Entre os cursos ofertados, a partir de 2010, está o Técnico em Registros e Informações em Saúde, curso onde iniciei as atividades como docente.

3 ONDE TUDO COMEÇOU

No final do ano de 2011, surgiu a oportunidade de participar da seleção de vagas destinadas aos profissionais com formação de nível superior do GHC (que tinham interesse em ser docentes dos cursos técnicos profissionalizantes) para a qualificação no curso de pós-graduação Formação Integrada Multiprofissional em Educação e Ensino da Saúde - UFRGS. Fui contemplado com uma das vagas, iniciando a caminhada em direção ao mundo da educação e contribuindo para a mudança de práticas como cita Vera Fartes:

Ainda podemos considerar um outro paradoxo vivido pelo professor da Educação Profissional a partir do fato de que este é selecionado pelo comprovado domínio do conhecimento em uma área especializada e passa a ter como exigência, imediatamente após seu ingresso na carreira, o desempenho na docência, uma atividade para a qual, na maioria das vezes, não foi preparado. (FARTES, 2011, p.9)

Após o início do curso, tive a oportunidade de ministrar algumas aulas, como professor substituto no curso técnico em Registros e Informações em Saúde na Escola GHC. Como a intenção da coordenação deste curso era de que os profissionais formados precisavam ter noções de administração hospitalar, especificamente matérias de compras, almoxarifado e legislação específica e tendo em vista que eu trabalhava na gerência de materiais no setor de compras do GHC, foi a oportunidade que eu esperava para começar a lecionar. Neste momento acreditava que o domínio de um conteúdo seria o suficiente para lecionar, pensava que para ser bom professor era preciso apenas conhecer a disciplina a ser ministrada. Com este pensamento fui motivado à ideia de me tornar professor, sem o conhecimento de que precisaria muito mais para ser efetivamente alguém que pudesse conduzir uma turma de alunos ao sucesso.

4 EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZADO

Estava no início do curso de pós-graduação para a qualificação desejada na área da educação, quando recebi o convite para ser professor substituto no curso Técnico em Registros e Informações na Saúde da escola GHC, era só começar, porém, muitas incertezas e dúvidas foram surgindo antes da primeira aula. Muitas dúvidas surgiram para a elaboração do primeiro plano de aula, cronometrei os detalhes em todos os períodos, procurei preencher o tempo dos alunos para que não houvesse espaço para muitas perguntas. Busquei junto a professores mais experientes um modelo de plano de aula, porém, percebi que eram personalizados e que cada um tinha o formato mais adequado para as suas necessidades, apesar de seguirem uma estrutura similar. Em posse de alguns modelos, defini meu plano de acordo com o conteúdo da primeira aula, afinal como disse Regina Barros Leal:

Planejar e pensar andam juntos. Ao começar o dia, o homem pensa e distribui suas atividades no tempo: o que irá fazer, como fazer, para que fazer, com o que fazer etc. Nas mais simples e corriqueiras ações humanas, quando o homem pensa de forma a atender suas metas e seus objetivos, ele está planejando, sem necessariamente criar um instrumental técnico que norteie suas ações. (Barros Leal, 2005)

Acredito que essa preocupação em desejar que a aula desse certo fosse a professoralidade acontecendo.

Como foi longo o trajeto para a escola no primeiro dia, a cada passo um aperto no estômago, o questionamento que aparecia constantemente de como seria a recepção dos alunos, como não transparecer que era a primeira aula de um não professor, se gostariam da matéria, que perguntas fariam, que alunos encontraria, eram questionamentos que me intrigavam. Os aproximadamente oitocentos metros de distância entre o Hospital Conceição e a escola representaram muito naquele dia, este medo que estava sentindo pode ser traduzido nas palavras de Paulo Freire:

Quanto mais você reconhece que seu medo é consequência da tentativa de praticar seu sonho, mais você aprende a pôr seu sonho em prática. Você percebe? (rindo) Olhe, Ira, eu nunca entrevistei os grandes revolucionários deste século a respeito de seus medos! Nunca perguntei a Fidel Castro, por exemplo, sobre seus medos! Não poderia fazer essa pergunta a Amílcar Cabral, outorrevolucionário fantástico. Ou a Che Guevara, por exemplo.

Mas todos eles sentiram medo, na medida em que todos eram muito fiéis a seus sonhos.

Mas há outro ponto que eu creio que é muito importante. Essa compreensão do medo não é uma coisa que me diminui, mas que me faz reconhecer que sou um ser humano. Esse reconhecimento chama minha atenção no sentido de estabelecer limites quando o medo me diz que não devo fazer isto ou aquilo. Está claro? Tenho que estabelecer os limites de meu medo. (Freire, 1986, pág. 40)

Cheguei à escola, percorri o corredor até a porta da sala de aula e entrei, referenciei os quatro ou cinco alunos que haviam chegado mais cedo, sentei e iniciei minha organização na classe reservada aos professores. Testei o computador, o equipamento multimídia, o ar condicionado, meu checklist de atividades e a lista de chamada. No decorrer daqueles quinze minutos até a chegada dos demais, repassei a aula umas três vezes com o receio de deixar escapar algo. Enfim, após as apresentações iniciei a aula, havia deixado uma folha com um checklist com anotações do que eu tinha que fazer a cada quinze minutos, com conteúdo preenchendo todos os períodos. Eu evitava dar chances para que perguntassem algo e eu não ter resposta instantânea, praticamente não sai da informalidade com os alunos, foi uma aula de pouca professoralidade.

Na saída da primeira aula fiquei com uma sensação de cansaço tanto físico quanto mental, um sentimento de que faltou algo. Sim, mais tarde revendo algumas questões discutidas em aula, comecei a refletir sobre esta experiência em conduzir uma turma de estudantes trabalhadores em busca de qualificação profissional, faltava lembrar da face dos alunos. Acredito que a professoralidade estava acontecendo novamente, pois a sensação de culpa por não lembrar, a certeza de que não houve interação suficiente para deixar registrado em minha mente e a instantânea vontade de fazer diferente na próxima aula, deixaram evidentes que eu estava internalizando a essência do termo.

Na segunda aula tive uma receptividade a altura do que foi a primeira experiência, alunos sisudos e apreensivos com aquele professor novato que não demonstrou abertura ao diálogo. Percebi que estavam na defensiva e que vieram para se proteger de mais um dia de matérias estranhas aos seus cotidianos e vivências profissionais, até o momento. Tive uma sensação de culpa primeiramente, porém, logo procurei conduzir diferente a troca com os alunos, busquei maior

interação conversando sobre suas experiências e expectativas em relação ao curso, matéria e professor. Apesar de ter me preocupado em agir de forma diferente à primeira aula, acreditava que o processo para a evolução docente fosse gradual, seguindo as palavras de Dalmaso et al:

Quando nos referimos à formação, nos inserimos na composição desse meio. E escrever sobre o tempo que dura implica também o desejo de nos desconstruirmos da imobilidade na qual a inteligência opera em demasia. Na processualidade que se trata em explicar, nos movimentos inventivos que funcionam com ela, o tempo é considerado como expressão da dimensionalidade do ser que se individualiza. Ou seja, durar refere-se a uma imediatidade do ser, do tempo de ser, que é modulável, mutante, sempre em devir, sempre em criação. (Dalmaso et al, p. 171)

Percebi que a troca de informações sobre os conteúdos e didática apresentados pelos professores mais experientes, características dos alunos e até o conhecimento sobre o funcionamento organizacional da escola, influenciavam positivamente para o meu desenvolvimento como um todo. Com esse contínuo amadurecimento, pude perceber que minhas aulas começaram a evoluir em relação a didática e relacionamento com os alunos. Conforme Perrenoud “[...] A cooperação entre profissionais dialoga com a concepção da transposição didática na formação dos professores. As práticas evoluem, o individualismo decresce [...]”.

Foi fundamental a troca que tive com os professores em relação aos alunos, pois muitas características eram conhecidas e estavam compondo a turma que havia iniciado no semestre anterior. Eram diversos em relação a idade e formação, havia aluno com pós graduação e outros com ensino médio, os que tinham vinte anos e os de sessenta, o calmo e concentrado como o desordeiro, aquele que estava em busca de uma oportunidade no mercado de trabalho e o que retornava de uma jornada de dois empregos.

Eu, um aluno em busca de professoralidade, diante deste desafio em conduzir uma turma de pessoas que estavam apostando e investindo o que tinham para que aquele curso propiciasse mais oportunidade em suas vidas.

No decorrer do meu aprendizado inicial, na terceira aula, acredito que conduzi melhor o desenvolvimento do conteúdo, pois o plano de aula começou a deixar um

pouco de espaço para a troca com os alunos. Com esta troca as oportunidades de entendimento sobre o que cada um dos alunos estava absorvendo da matéria, assim como as suas dificuldades individuais e motivações para agir de uma forma ou outra, começaram a fazer sentido. Aprendi que o plano de aula precisa atender o plano de curso considerando as características locais, procurando a inserção discente no aprendizado.

Fazendo um parênteses, referente a questão do professor saber se situar, relativo ao ambiente onde vai lecionar, as próprias instituições buscam esta inserção antes e durante suas atividades. Na escola de educação profissional, na qual trabalho atualmente, tive a oportunidade de acompanhar a busca da Direção junto a lideranças locais para saber as necessidades da população sobre a demanda local por cursos profissionalizantes e qual o público a ser atingido. Contribuindo com o exposto, Eltz cita que “As experiências e as leituras nos mostram que a escola não pode estar de costas voltadas para a sociedade nem esta para aquela. Mas também os professores não podem permanecer isolados no interior da sua sala de aula. [...]”(ThomaEltz, 2008, p. 88)

Nas reflexões pós-aula, em momentos introspectivos e avaliativos sobre minhas práticas, fui construindo habilidades como docente, a professoralidade foi se inserindo aos poucos, “As primeiras experiências têm um caráter desafiador, pois são elas, junto a todos os conhecimentos teóricos, metodológicos e reflexivos, que irão começar a construir o sujeito educador [...]”. (Fontoura, 2009 apud Bertotti, 2011, p. 10).

Percebi que precisava dar espaço aos alunos, pois eles tinham a necessidade de se expressar e emitir suas opiniões sobre a matéria, o curso e suas experiências profissionais. Prestando mais atenção nos alunos, ficaram evidentes as diferenças de conhecimento básico para o decorrer da matéria, alunos com dificuldade em digitar um documento, com dificuldades para realizar operações matemáticas como regra de três, e outros com grandes facilidades, sendo que muitas vezes chegavam a ficar entediados com o retomar da matéria para resgatar os que ficavam para trás. Como cita Silva:

A responsabilidade do professor ao se deparar com as deficiências do aluno é muito grande. É ele que tem ao seu encargo definir a melhor condução para o desenvolvimento do aluno. Ainda é fato que o docente enfrenta essa situação com muitos desafios. Como, de que maneira, para onde, qual o suporte que dispõe, como trabalhar com os demais professores, que suporte pedagógico, suporte psicológico, suporte nas questões de saúde do aluno, ele pode contar? Esses questionamentos acompanham o cotidiano do docente tanto em sala de aula, como em campo prático. (Silva, 2012, p. 74)

Com este entendimento, nas reflexões pós-aula, pude evoluir no planejamento de aula para que eu pudesse suprir as necessidades dos alunos em relação as suas diversidades, procurando efetivamente a professoralidade. Acreditando que estava no caminho certo, estava indo ao encontro do que cita Freire:

Voltemos à questão do ponto de partida, Antes de mais nada, estou convencido de que, epistemologicamente, é possível, ouvindo os alunos falar sobre como compreendem seu mundo, caminhar junto com eles no sentido de uma compreensão crítica e científica dele. (Freire, 1986,p. 69)

Aprendi que a pactuação é fundamental, minimizando as chances de mal entendidos, bem como as tentativas de manipulação por parte de alguns alunos. Pude perceber que alunos mais peraltas podem manipular a turma e o professor, caso este não esteja convicto de suas atitudes e programações.

No decorrer das aulas o planejamento pode ter alterações, em alguns momentos percebi que isto era fundamental para que fosse possível conseguir a atenção e o interesse da turma. Entendi que precisava deixar claro como funcionariam os horários, em que momento seria realizada a chamada, os equipamentos eletrônicos, o que eu pretendia com a disciplina ministrada e principalmente sobre as avaliações. A pactuação é uma ferramenta que pretendo utilizar nas diversas situações da minha vida, não só para a prática da docência, exercitando mais na vida pessoal.

Aprendi com meus erros de avaliação que precisava escutar mais os alunos, por não perceber inicialmente que tinha que usar mais este sentido é que fiz pré-julgamentos erroneamente. Com os retornos dos alunos identifiquei que estava errado na condução de algumas atividades, por exemplo, se eu tivesse dado abertura teria entendido que em um trabalho específico teria que ter montado os grupos de forma que os mais preparados pudessem ajudar os outros.

Minha noção de ser docente começa a se ampliar, não é simplesmente chegar na sala de aula e despejar matéria, virar as costas na saída e lembrar só no dia da próxima aula. O afeto pelos alunos, a responsabilidade em desejar que se tornem pessoas mais capacitadas profissionalmente e a cada dia a certeza de que também é uma questão social.

Aprendi praticando que ser docente não é uma aventura de um profissional qualquer, que não pode ser considerada como um “bico” e que exige muita dedicação para conseguir atender a demanda daquelas pessoas. Entendi que o como ensinar não precisa ser tão sisudo, a alegria e a sensibilidade precisam estar presentes no processo de ensino e aprendizagem, seguindo os ensinamentos de Pereira:

A prática docente e os processos criativos, com seus acertos e equívocos, trabalham com uma matéria não totalmente configurada na sua forma precisa. É necessário abrir um espaço para o risco. Na formação de um professor, sobretudo na sua prática, a condição de improviso estará sempre presente. O professor tem seu roteiro planejado, porém não é definitivo, há estratégias para suas ações e há incertezas em seu movimento. O professor está diante de uma comunidade interativa que é convidada a participar de uma proposta conjunta, e faz uso de regras para estabelecer o jogo. O professor é jogador, é ator, é *performer*, ou trabalha como se fosse: experimenta as suas habilidades e aprimora os seus conhecimentos em plena ação. Porém permanece sempre o desafio de seduzir a sua plateia, de trazer o conjunto de participantes para um interesse comum, tarefa que se torna, cada dia, mais árdua. (Pereira et al, 2012, p. 338)

As experiências educacionais relevantes à concretização de minha prática pedagógica foram me lapidando, através dos acontecimentos fui moldando minha didática. O primeiro trabalho que apresentei aos alunos não foi bem sucedido, no meu entendimento até então, matéria transmitida era motivo para aplicação de atividade valendo nota. Para minha surpresa dez por cento dos alunos realizaram a atividade, não tinham fixado adequadamente o conteúdo, eu não oportunistei através de exercícios o suficiente para que pudessem dar a resposta esperada. Além disso, naquele momento não tinha a clareza de identificar as características e potencialidades dos alunos e também da turma como um todo.

Entender que o objetivo social da escola também era oportunizar qualificação a pessoas carentes, que muitos alunos precisavam ser resgatados de experiências ruins de aprendizado no passado, procurar este entendimento geral faz parte da busca pela professoralidade.

Recentemente, acompanhei o esforço da direção de ensino do IFRS – Campus Osório em conscientizar professores de que não poderiam realizar um processo seletivo muito exigente, pois estariam excluindo as pessoas mais necessitadas e que precisam do ensino público para terem a chance de ascensão social. Alunos mais despreparados exigirão mais atenção dos professores, têm necessidades de atualizações mais básicas, precisam de acompanhamento mais personalizado, porém, a professoralidade precisa ser exercitada.

Aceitei que a chamada não precisa seguir uma rigidez de horário para ser cumprida, isso pode evitar conflitos desnecessários, a data de entrega de um trabalho pode ser repactuada, que chamar o aluno para uma conversa em particular pode fazer a diferença entre continuar no curso ou não, enfim, a construção da minha identidade didática teve seu início para um contínuo aprendizado.

Com a reflexão diária que começa a se tornar rotina, a professoralização foi se tornando mais evidente na minha busca em se tornar professor, sobre a definição dessa expressão que definiu minha iniciação didática, o autor a seguir esclarece:

A essa atitude tomada no ato de pensar nessas questões como questões formativas, de dar trato didático ou pedagógicos a elas, de experimentá-las como uma problematização radical, no sentido de ensinar algo e de aprender algo, a essa atitude chamo professoralização. Ao envolver-se com uma problemática dessa complexidade com vistas a formar – se e formar os outros, chamo de professoralização. Ao fazer coisas, ao usar táticas, técnicas truques, ao tomar providências para proporcionar vida para si e para os outros em um campo que envolve arte e que envolve educação, chamo professoralização. Ao fazer escolhas, ao tomar atitudes, ao mexer no espaço, ao organizar o tempo, ao usar coisas, objetos, conteúdos, ao tomar e encaminhar decisões, à partilha dessa experiência na direção de intencionalmente produzir efeitos em si e nos outros chamo professoralização. Chamo professoralização à operação proposital de certas tecnologias, certos aparatos e certos artefatos no sentido de pôr em movimentos processos e percursos formativos, para si e para os outros. (PEREIRA apud BERTOTTI, 2011, p.10).

Quando o autor escreve a palavra atitude, recordo que naqueles momentos de aprendizado inicial tive que me posicionar muitas vezes não como a figura do professor que precisa estar ali firme e seguro de si, mas como um humilde aprendiz perante os desafios do cotidiano docente. Quando cita “[...tomar providências para proporcionar vida para si e para os outros...], resume o sentimento que me marcou, o de não poder falhar com aquelas pessoas que ficavam me escutando e esperando, a cada aula, um turno agradável, produtivo e que valesse a pena o desgaste físico e financeiro para estarem presentes.

E assim foram acontecendo as aulas, meu amadurecimento docente, passei a me sentir mais professor e diminuir a sensação de estar professor, seguiram – se os planos de aula com maior lucidez para conduzi-los ao entendimento das matérias e a importância desta no contexto do curso e principalmente as reflexões pós-aula.

Notei melhora no meu desempenho em sala de aula, através do retorno que tive dos alunos, percebi que ser menos sisudo e mais descontraído aproximava os alunos, como escreve Pereira:

Pensar uma educação estética implica, por certo, pensar o corpo em relação às possíveis significações que a ele convergem ou a partir dele se constituem. Há, invariavelmente, uma preocupação relativa ao que se pode reter como pedagógico dessa relação do indivíduo com o corpo, com a experiência e o conhecimento e, também, com o outro. Uma pedagogia da *performance* encontra termo nessa premissa, a das relações; ela atende de certo modo pela dimensão laboral, aplicada de algo que tomamos como educação estética ou prática pedagógica estética. (Pereira, 2012, p.336)

Nem tudo estava tranquilo, em certo momento, eu começaria a acompanhar a turma para as práticas de estágio nos hospitais do GHC. Novamente a tensão, indisposição gástrica e ansiedade me acompanharam até o início dos trabalhos.

Como proceder para dar conta de conduzir aqueles adultos nos postos de trabalho era uma questão intrigante. Como os outros profissionais iriam recebê-los? Realmente este aprendizado não foi fácil, os alunos estavam apreensivos, muitos profissionais administrativos não tinham a cultura da recepção de estagiários, o contato com as chefias às vezes não era muito acolhedor, ficava aquela sensação de uma prestação de favor.

Procurava não transmitir para os alunos o que realmente acontecia, porém, logo perceberam que faziam estágio onde em alguns postos, tanto nas áreas administrativas ligadas diretamente aos pacientes como nas áreas mais isoladas, poderiam encontrar alguma dificuldade em receber informações adequadamente.

Tínhamos objetivos traçados, os alunos sabiam o que observar e registrar em suas imersões nos setores, apesar de alguma dificuldade em alguns locais eles tinham facilidades em outros. Entendi que naquele contexto o rodízio de alunos, por dia, desgastava tanto os alunos quanto aos profissionais que explicavam todos os dias a mesma rotina. Quando a coordenação decidiu manter um aluno uma semana no mesmo posto de trabalho, começaram a se inserir e até se sentiram parte do processo muitas vezes.

Eram mais ou menos quinze alunos, nos primeiros dias levava um por um nos seus respectivos setores para cumprirem suas jornadas, alguns não tinham experiência alguma com instituições de saúde, outros já eram trabalhadores e estavam acostumados com a realidade que encontrariam.

Emergência adulta e infantil, obstetrícia, banco de sangue, oncologia adulta e infantil, unidade de tratamento intensivo e ambulatório eram setores certos para os estágios, afinal, os registros gerados pelos funcionários administrativos nestas áreas são muito importantes para o bom andamento do tratamento e segurança dos pacientes. Além destes, tínhamos compras, almoxarifado, arquivo médico, faturamento, biblioteca e retirada de exames, setores que não mantêm contato direto com pacientes.

Pude observar, durante o tempo em que acompanhei os estágios, a mudança de comportamento de alguns alunos no decorrer dos trabalhos, aqueles mais imaturos assumiam a responsabilidade para executar suas tarefas diárias nos postos, a evolução na postura e na autoestima foram visivelmente percebidas. A sensibilidade que o professor necessita para perceber e incentivar as potencialidades pode fazer a diferença que o aluno precisa, formando profissionais mais capacitados e realizados.

Realizei sorteio para a distribuição dos postos de trabalho, torciam para não serem sorteados para a emergência do Hospital Conceição, acreditavam que poderiam até contrair doenças. Como o curso é voltado para a área da saúde e a maioria pretendia prestar concurso para o GHC, com o certificado de conclusão do curso teriam pontuação, podendo ficar em qualquer setor realizando as atividades administrativas, deveriam estar preparados para a realidade que poderiam encontrar. Aprendi observando a evolução dos alunos que a condução do professor é necessária, em alguns momentos não pode ser muito democrática, para não correr o risco de não oportunizar que o aluno saia da zona de conforto e enfrente novos desafios.

No início tive certa dificuldade com as chefias locais, apesar de estarem formalmente comunicadas pela Escola GHC, muitas vezes prorrogavam os dias de estágio com a justificativa de não estarem presentes ou algum funcionário estaria de folga ou férias. Percebi que não adiantava apenas estar respaldado por um ofício entre gestores, algo precisava ser feito para melhorar a receptividade nos setores, esta pactuação não atingia quem realmente receberia e acompanharia os estagiários. Alunos descontentes e sem vontade de atuar em determinados setores começavam a preocupar, todo o esforço em formá-los e a imagem do curso estavam à prova. Alguns professores iniciaram um trabalho de pactuação de setor a setor conversando pessoalmente com as chefias locais e trabalhadores, demonstrando a importância daquelas pessoas em seus setores e a contribuição que poderiam adicionar ao trabalho diário. Mais uma vez aprendi, a percepção que um professor precisa ter para identificar conflitos e procurar resolvê-los de forma que beneficie o aluno é parte integrante na construção da professoralidade. Os resultados logo apareceram, a receptividade começou a melhorar no sentido do acolhimento, os estagiários realmente contribuíam com os setores.

5 EXPERIÊNCIAS DE ENSINO

Durante a construção de minha prática docente, fui adaptando a condução conforme a característica das turmas que lecionava. Percebi que existem características gerais da turma, são distintas na totalidade do grupo e respondem às exigências de forma diferenciada. Havia planejado aulas de forma homogênea, sem prever alterações e considerar possíveis mudanças de plano. Logo nas primeiras aulas minhas práticas foram se adaptando às exigências e características das turmas, a manutenção do conteúdo que selecionei para expor aos alunos, fiz questão de não alterar, porém, em diversos momentos tive que adaptar com o objetivo de que a turma pudesse receber melhor o conteúdo.

Seguindo os ensinamentos de Freire:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. É a preparação científica revelada sem arrogância, pelo contrário, com humildade. É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de “experiência feita” que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço (Freire,2000, p. 116).

Quando apliquei a primeira lista de exercícios, baseado no conteúdo das primeiras duas aulas, não tive um retorno esperado. Em minhas reflexões entendi que aquela proposta de trabalho não teria sucesso, pelo menos naquele momento, um exercício que deveria ser realizado em casa individualmente não foi bem recebido pela turma.

Questionei-me relativo às dificuldades da turma, alguns em busca de emprego, outros com dois, pais e mães de família e outras diversidades pessoais. Adequei para exercícios acompanhados em aula, a resposta foi positiva, pude identificar e concentrar nos que tinham maior dificuldade, percebi as atitudes individuais relativo aos problemas a serem resolvidos, outros que realmente não tinham interesse e os

que tinham facilidade e ficavam até ociosos. Assim fui desenvolvendo minha prática docente, planejando, praticando, refletindo e adaptando para que recebessem melhor o conteúdo proposto.

Nos primeiros dias, não esqueço a preocupação que tinham em relação a uma possível prova final de disciplina, até o momento em que pactuei a forma de avaliação na forma de trabalhos em grupo e individual. Devido a muitos alunos virem de uma formação básica precária, não era viável uma postura rígida e unilateral de minha parte, eu tinha que me esforçar em resgatá-los e mantê-los no curso que proporcionaria maiores chances no mercado de trabalho.

Construindo a caminhada em direção ao aperfeiçoamento de minha prática docente, através das reflexões, fui ajustando a forma como direcionava as aulas para aquelas turmas. Seguindo o que citaEltz:

A reflexão sobre a ação é confrontar o seu conhecimento acumulado com a nova situação problemática que requer capacidade de criar novas visões para entender o problema da maneira não prevista em seu conhecimento anterior.(Eltz, 2008, p.54)

Utilizei recursos básicos para transmitir os conteúdos propostos, equipamento multimídia e o quadro eram suficientes para atingir os objetivos, porém, tinham alunos com deficiência em relação à simples digitação de um trabalho. Como conduzir minha prática para atender aos alunos e o curso eram preocupação constantes, pois o histórico de evasão era preocupante.

No início priorizei alguns trabalhos individuais, porém, não obtive resultados esperados por grande parte dos alunos. Analisando os possíveis motivos e buscando não deixar para trás muitos deles, inseri trabalhos em pequenos grupos, foi a virada que eu esperava. Buscando agrupá-los conforme suas habilidades e deficiências, percebi que uns ajudavam os outros e a turma era conduzida de forma mais homogênea.

Era a formação em um curso técnico profissionalizante, precisavam ter o conhecimento teórico suficiente para desempenharem de forma eficiente suas funções quando fossem trabalhar em instituições de saúde, não poderia deixar de

extrair deles um esforço no sentido de buscar a fixação dos conteúdos, para isso precisava estar constantemente refletindo sobre a minha prática docente. Muitas vezes lembrava-os da importância do funcionário administrativo em hospitais, a responsabilidade que tinham sobre a segurança e a saúde de um paciente, que se realizassem alguma triagem equivocada poderiam proporcionar uma pessoa ficar por mais tempo do que o necessário em uma emergência ou que o laudo de um exame fosse registrado para outro paciente.

Com as reflexões diárias pude evoluir na condução da minha prática, percebi que estava no caminho certo, as pactuações estavam estabelecidas e eram respeitadas pela grande maioria. Os horários de entrada e saída, intervalo, atender ao telefone, utilizar equipamentos eletrônicos e conversas paralelas eram questões já superadas, precisando apenas de manutenção da lembrança da pactuação em alguns momentos.

Em sala de aula já estava mais à vontade, os planos de aula estavam adequados à turma e eu tinha mais segurança em mudar o rumo durante o turno sem perder de foco o conteúdo a ser ministrado.

No estágio supervisionado, as práticas também foram se adaptando às necessidades dos alunos e ambientes, eram diversas as situações que levavam a uma busca constante de adaptação da prática docente. Nos primeiros dias os alunos se dirigiam à escola, realizava a chamada e deslocava-os até um ponto no saguão do HNSC, levava um por um até seus postos. Essa tarefa era desgastante, pois a distância entre os hospitais e postos de estágio era bastante significativo bem como o contato e a apresentação para cada chefia e funcionários também era realizada. Com os postos conhecidos e as apresentações realizadas, nos outros dias nos encontrávamos inicialmente na escola, realizava a chamada, fazíamos o trajeto até o ponto no hospital e cada aluno se dirigia a seu posto.

A prática até então realizada era de que os alunos iriam embora quando finalizassem o turno, porém, eu e outros professores percebemos que alguns saíam antes de seus postos, comprometendo o aprendizado. Apesar de realizarmos

acompanhamento nos postos, era apenas um professor para acompanhar os estagiários e a distância entre os postos dificultava o controle e acompanhamento.

Sendo assim, definimos e pactuamos com os alunos que ao final de cada turno todos iríamos nos encontrar na sala de aula da escola para realizar a chamada final, com o objetivo de manter maior controle e acompanhamento.

A mudança desta prática que realizamos proporcionou identificar alguns motivos das saídas dos alunos no meio do turno, com este encontro ao final do turno pude questionar se tinham tido algum problema neste dia, e assim agir a tempo de corrigir para o próximo.

Dutra,2009, foi autor de dissertação que teve como objeto a prática de estágios na educação profissional, onde foram entrevistados estudantes em fase de estágio.

Os alunos do CTRIS precisavam ser conduzidos, demonstrando que a prática era importante na construção dos seus saberes, indo ao encontro do que os entrevistados do trabalho de Dutra disseram:

Os estudantes entrevistados consideram como fundamental para entenderem-se como técnicos, a realização do estágio. Uma das dimensões mais nítidas na percepção da importância do estágio é a relação entre a teoria e a prática que o mesmo propicia [...] (Dutra, 2009,p.86)

É grande a responsabilidade do professor orientador de estágios, quando observei a legislação pertinente pude entender o quanto o professor precisa estar atento e buscar orientação para a melhor condução possível. Conforme a Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, Art. 1º:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

Quando a legislação descreve a preparação para o trabalho produtivo, reforça a responsabilidade que o professor tem em manter o máximo de esforço possível para qualificar sua prática docente. Quando no § 2º do mesmo dispositivo legal é

escrito “O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho”, percebi que deveria instigar os alunos para a responsabilidade de seus atos no campo de estágio, também a importância em valorizar este tempo. Assim como precisava orientar os alunos, os profissionais que os recebiam precisavam ser lembrados algumas vezes de que o papel que desempenhavam era fundamental para a formação dos estagiários.

Assim fui evoluindo em minha prática docente, conduzindo os alunos da forma mais adequada, porém, ainda tinham os relatórios de acompanhamento. Além do relatório final de estágio os parciais eram obrigatórios, geraram um acompanhamento mais intenso, os alunos precisavam redigir textos simples de suas práticas nos setores.

Resolvi apresentar um padrão de relatório, mesmo já presente no plano de estágio, para que se sentissem mais seguros em relação à estrutura, pois a esta altura já conhecia as dificuldades de alguns em relação à escrita. Percebi mais uma vez que precisava resgatá-los e não cobrar algo que já conheciam, recorri ao bom senso muitas vezes na construção da minha professoralidade, passo a passo estudamos um modelo de relatório, mesmo assim eu precisava entender que ali estavam alguns alunos que tiveram uma educação básica muito precária.

Alguns se identificaram mais com áreas como emergência e ambulatório, outros com a oncologia e pediatria, outros com setores que não tinham contato com pacientes como almoxarifado, serviço de arquivo médico, faturamento e compras. Neste sentido, pude observar as habilidades e atitudes de cada um em relação às suas preferências, o nível de inserção era maior quando estavam em setores em que tinham maior interesse.

Não bastava já estarem inseridos nos postos, os funcionários estarem mais receptivos, as regras de estágios estarem pactuadas, já saberem como elaborar o relatório, faltou norteá-los em relação ao objeto de observação. Alguns dos primeiros relatórios vieram com um conteúdo desconexo em relação ao curso que estavam fazendo, como a medicação afetou um paciente ou o estado de saúde de um

paciente foram temas de alguns. Evoluímos para a observação dos processos nos setores, trazendo os alunos para questões específicas do curso que estavam realizando.

O retorno que tive nos próximos relatórios e dos alunos foi positivo de maneira geral, focaram nas questões técnicas do dia a dia dos funcionários administrativos, inclusive com sugestões de melhorias.

A comunicação é uma ferramenta muito importante para que o professor possa levar os alunos ao sucesso em seus objetivos, tanto na sala de aula quanto no campo de estágio, ser claro nas pactuações e estar receptivo às demandas dos alunos foi algo que aprendi. À luz das palavras de Freire:

Ao nos comunicarmos, no processo de conhecimento da realidade que transformamos, comunicamos e sabemos *socialmente*, apesar de o processo de comunicação, de conhecimento, de mudança, ter uma dimensão individual. Mas o aspecto individual não é suficiente para explicar o processo. Conhecer é um evento social, ainda que com dimensões individuais. O que é o diálogo, neste momento de comunicação, de conhecimento e de transformação social? O diálogo *sela* o relacionamento entre os sujeitos cognitivos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade. (Freire,1986, p. 65)

Percebendo a evolução em relação a resposta dos alunos, com uma comunicação mais clara e objetiva, as aulas foram cada vez mais produtivas.

6 EXPERIÊNCIA DE VIDA

Sempre acreditei que nossa sociedade evoluiria com a qualificação da nossa educação, além das disciplinas e da maior parte do tempo das crianças e jovens em sala de aula, penso que a ética e a moral são virtudes que um professor tem o privilégio de promover a um grande número de pessoas em formação.

Quando nos deparamos com situações de corrupção de todas as formas e níveis de nossa federação, reflete a educação ética e moral da nossa sociedade como um todo. Seguindo as palavras de Freire:

Não haveria exercício ético-democrático, nem sequer se poderia falar em respeito do educador ao pensamento diferente do educando se a educação fosse neutra – vale dizer, se não houvesse ideologias, política, classes sociais. Falaríamos apenas de equívocos, de erros, de inadequações, de “obstáculos epistemológicos” no processo de conhecimento, que envolve ensinar e aprender. A dimensão ética se restringiria apenas à competência do educador ou da educadora, à sua formação, ao cumprimento de seus deveres docentes, que se estenderia ao respeito à pessoa humana dos educandos. (Freire, 2001, p. 21)

Na minha inserção ao cotidiano docente, percebi durante as aulas o que o autor citou em relação à educação não ser neutra, questionamentos e opiniões dos alunos perante temas diversos evidenciaram e confirmaram esta posição. Os próprios relatórios de estágio foram ferramentas utilizadas pelos alunos para esporem seus sentimentos e leituras que tiveram do ambiente, além das questões técnicas, não deixavam de registrar o ponto de vista que tinham em relação a postura profissional de algum funcionário dos hospitais, de como os gestores deveriam organizar seus setores ou como o governo poderia atuar na melhor condução da saúde pública.

Uma das situações que me marcaram, nesse início de caminhada para a construção em ser docente, foi a solidariedade que presenciei entre aqueles alunos que eram também meus professores, pois estavam me ensinando a ser professor. Conhecendo-os um pouco mais, pude perceber o grau de dificuldade que tinham para estar presentes diariamente, era um curso diurno, muitos estavam desempregados e também precisavam buscar uma oportunidade para que pudessem honrar seus compromissos. No intervalo das aulas alguns dividiam o

lanche, cada um trazia algum alimento ou café para socializar com o grupo, presenciar isto foi motivante e uma lição de solidariedade.

Apesar de ter uma mãe que passou a vida profissional em salas de aula na rede estadual de educação, hoje aposentada com todos os méritos, eu não tinha o sonho de ser professor em minha iniciação ao mundo do trabalho. Com o passar do tempo e os rumos profissionais que fui seguindo surgiu esta oportunidade, não imaginava que seria tão gratificante receber um obrigado de um aluno quando este fosse ajudado em alguma questão, ou quando visualizamos a satisfação de chegarem ao fim do curso com orgulho pela conquista que tiveram.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, percebi que ensinando aprendemos e fixamos os conteúdos transmitidos, evoluímos pessoal e profissionalmente com a prática docente e a troca com os alunos. Atualmente não tenho intenção em me tornar professor de carreira, quero dizer que pretendo seguir com a profissão de administrador e ter a satisfação de ministrar aulas em curso técnico profissionalizante relativo a minha área de trabalho, tanto na área de saúde como em outras ligadas de alguma forma a gestão. Sabendo que a preparação para a formação docente é contínua, pretendo continuar minha qualificação para que eu possa acompanhar a evolução das práticas docentes e os conteúdos ministrados.

Serei grato eternamente àqueles alunos, não esquecerei as faces dessas pessoas que proporcionaram minha iniciação pela professoralidade.

REFERÊNCIAS

BERTOTTI, Nicole Andresa. **Modos de Narrar a Docência**: A escrita autoavaliativa no processo de professoralização. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 38 f. Trabalho de Conclusão – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

DALMASO, Alice Copetti; SANGOI, Deisi. **Produção do invisível**: Considerações sobre o tempo e a formação de professores. Santa Maria, v.38, n.1, p. 165-177, jan./abr. 2013.

DUTRA, Israel Pinto Dornelles. **Entre a Escola e a Fábrica**: O papel do estágio na formação de técnicos em transformação de termoplásticos no IFSUL – Campus Sapucaia do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 131 f. Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ELTZ, PatriciaThoma. **Formação Continuada**: descontinuidades e desafios na transformação da prática pedagógica de professores. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 114 f. Dissertação – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FARTES, Vera; SANTOS, Adriana Paula Q. Oliveira. Saberes, Identidades, Autonomia na Cultura Docente da Educação Profissional e Tecnológica. **Cadernos de Pesquisa**, v.41, N.143, p. 376-401, Maio/Ago. 2011.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

LEAL, Regina Barros. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. **Revista Iberoamericana de Educación**, Fortaleza. 2005.

GAUER, Gustavo. **Memória Autobiográfica: Qualidades Fenomenais da Recordação Consciente e Propriedades Atribuídas a Eventos Pessoais Marcantes**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 147 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

PERRENOUD, Philippe; THURLER, Monica Ghatet. Cooperação entre professores: A formação inicial deve preceder as práticas? **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n.128, p.357-375, maio/ago. 2006.

SILVA, Ana Paula SchefferSchell. **A enfermeira e a corresponsabilidade pela formação do aluno em estágio curricular**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 115 f. Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

VILLELA, Marcos Pereira. **A Estética da Professoralidade: Um Estudo Interdisciplinar Sobre a Subjetividade do Professor**. São Paulo: PUC, 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica, 1996.

<http://www.escola.ghc.com.br/index.php/a-historia>